

## Das condições de produção e do jogo imaginário: o discurso do Papa Francisco sobre a homossexualidade

*On the conditions of production and the imaginary game: Pope Francisco' speech about the homosexuality*

Daniel Santos Oliveira<sup>1</sup>  
Universidade do Estado da Bahia  
Salvador, Bahia, Brasil

Débora Raquel Hettwer Massmann<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Alagoas  
Macció, Bahia, Brasil

**Resumo:** Fundamentados na vertente teórica Análise de Discurso proposta por Pêcheux (2014 e 2015) e Orlandi (2006, 2007 e 2020), temos interesse em investigar o funcionamento das condições de produção e dos jogos de imagens que ocorrem no/pelo discurso do Papa Francisco, referente ao tema homossexualidade, que foi repercutido (discursivizado) na/pela mídia como revolucionário. Para isso, o *corpus* deste estudo foi constituído por um discurso extraído da notícia intitulada *Papa sinaliza abertura inédita da Igreja aos gays* do site G1, publicada em 29 de julho de 2013, durante o papado de Francisco. Pelas análises, damos a ver que há no governo de Francisco um aparente esforço para pôr em movimento um processo de atualização de sentidos, que mesmo sendo urgente e necessário, caminha a passos lentos dentro da Igreja.

**Palavras-chave:** Discurso religioso. Formações Imaginárias. Papa Francisco. Homossexualidade.

**Abstract:** Based on the Discourse Analysis theoretical approach proposed by Pêcheux (2014 and 2015) and Orlandi (2006, 2007 and 2020), we are interested in investigating the functioning of the conditions of production and the games of images that occur in/through the discourse of Pope Francisco, referring to the theme homosexuality, which was reverberated (discussed) in/by the media as revolutionary. For this, the *corpus* of this study consisted of a speech extracted from the news entitled *Pope signals unprecedented opening of the Church to gays on the G1 website*, published on July 29, 2013, during the papacy of Francisco. Through the analyses, we can see that there is an apparent effort in the Franciscan government to set in motion a process of updating meanings, which, despite being urgent and necessary, is moving slowly within the Church.

**Keywords:** Religious speech. Imaginary Formations. Pope Francis. Homosexuality.

<sup>1</sup>Doutorando e Mestre (2022) em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Desde julho de 2023, é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL). E-mail: oliveira.dan@outlook.com.

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), atuando como Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL). É Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre e Graduada em Letras (português-francês) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Realizou estágio Pós-doutoral em Semântica no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: debora.massmann@gmail.com.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Podemos notar com facilidade que a ampliação do acesso às informações, através dos anos, tem impulsionado a movimentação de discussões sobre temas que, por vezes, eram preteridos e silenciados no passado. Debates sobre o machismo, o feminismo e a homossexualidade, por exemplo, têm adquirido mais espaço e frequência na sociedade e em vista disso, essa pesquisa nasceu da vontade de lançar questões sobre o modo com que a Igreja Católica se posiciona (ou não) frente a essas novas discussões.

Partimos da noção de que “com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (Orlandi, 2020, p. 13), e selecionamos um discurso do Papa Francisco, que toca na questão da homossexualidade, com vistas a investigarmos dois aspectos: 1 – como se dá a aparente discursivização de revolucionário que tem sido reproduzida na/pela mídia desde a entronização do Papa Francisco? E 2 – de que maneira o discurso religioso da Igreja Católica pode afetar (ou não) o imaginário social em relação à homossexualidade?

Logo, tendo em vista tais perguntas, objetivamos analisar o funcionamento dos jogos de imagens movimentados por um discurso extraído da notícia intitulada *Papa sinaliza abertura inédita da Igreja aos gays* do site G1, publicada em 29 de julho de 2013, durante o papado de Francisco. Isso porque, conforme temos observado, os discursos de Francisco que tocam questões delicadas para a Igreja Católica (como é o caso da homossexualidade) parecem contribuir para a repercussão (em notícias, reportagens, etc.) que mostram que aquilo que foi dito se distancia, por exemplo, dos dogmas e doutrinas que há muitos anos são cristalizadas pela Instituição Igreja Católica.

Para desenvolvermos esse estudo, considerando nossos interesses acima demonstrados, recorreremos a Orlandi (2020) para tratarmos da noção de sujeito, buscamos Pêcheux (2014) para observarmos o funcionamento do discurso e Orlandi (2006) para conceituarmos o discurso religioso. A elaboração do nosso método de análises e a compreensão do conceito de Formações Imaginárias possuem alicerce teórico-metodológico em Pêcheux (2014). Já na movimentação dos gestos analíticos, fundamentamo-nos no que propõe Althusser (1985) e Orlandi (2006 e 2007) sobre as particularidades das posições-sujeito no/pelo discurso religioso cristão.

## DAS QUESTÕES PARA A ANÁLISE DE DISCURSO: SUJEITO, CONDIÇÃO DE PRODUÇÃO E DISCURSO RELIGIOSO

Inicialmente, é importante sinalizar que o campo dos estudos da/sobre a ciência da linguagem abriga as teorias a que se filia essa pesquisa. Ao considerar linguagem “como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (Orlandi, 2020, p. 13) e atribuir ao discurso o local de tal mediação, marca-se, então, o fundamento teórico que é particular e estrutural desse estudo: a Análise de Discurso (AD). Apontamos ainda que a investigação aqui proposta vincula-se “à análise de discurso tal qual foi proposta por

Pêcheux e seu grupo e tal como tem sido praticada por Eni Orlandi e os pesquisadores por ela formados [...]” (Orlandi, e Lagazzi-Rodrigues, 2017, p. 74).

No detalhamento de algumas noções da AD que permitiram a movimentação dos gestos analíticos, daremos ênfase agora à compreensão do discurso. Logo, para considerá-lo como objeto teórico é necessário observar suas relações com a história e com os sujeitos, entendendo que esse termo discurso “implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre *A* e *B*, mas de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos *A* e *B*” (Pêcheux, 2014, p. 81, grifos do autor). E antes de investigarmos como funciona esse “efeito de sentidos”, é importante esmiuçarmos o que o referido autor propõe com “pontos *A* e *B*”.

Com base na AD, tais pontos se referem aos sujeitos que participam simultaneamente dos processos discursivos. E é essencial observarmos que essa noção de sujeito se refere ao “sujeito discursivo pensado como ‘posição’ entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz” (Orlandi,, 2020, p. 47, grifos da autora). Ou seja, de acordo com a autora, não nos cabe questionar aspectos (psíquicos, por exemplo) do sujeito empírico, mas o modo com que essa posição-sujeito<sup>3</sup> está funcionando (ou seja, sendo ocupada) no/pelo discurso.

Assim sendo, para que possamos entender o discurso enquanto “efeito de sentidos” (Pêcheux, 2014) é fundamental compreendermos a existência de uma relação indissociável entre os sentidos e a história. E através da AD, dando ênfase à observação do funcionamento do discurso, trabalharemos a história pela noção de memória discursiva considerando que “a memória – o interdiscurso, como definimos pela análise de discurso – é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer” (Pêcheux, 2015, p. 58).

O que estamos dizendo é que essa relação do discurso com o já-dito (a memória) funciona como condição para que um determinado sentido consiga reproduzir seus efeitos “ao longo de toda uma história de experiência de linguagem” (Orlandi, 2013, p.12). Uma vez que “os sentidos permanecem em constante relação com a historicidade, intrincada à memória discursiva” (Amaral e Lopes, 2019, p. 484), somos levados a entender que os processos discursivos que ocorrem na/pela sociedade, viabilizam a (re)construção dos sentidos (e dos discursos) porque acionam fatores que habitam no interdiscurso, entendido aqui como “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (Orlandi,, 2020, p. 29).

De acordo com a AD, quando trabalhamos noções a respeito de sujeito, interdiscurso e sentido, para analisarmos o funcionamento dos processos discursivos, estamos tocando em aspectos que integram as condições de produção. Com isso, sendo a AD uma vertente teórica materialista, entendemos que tal noção constitui-se pela necessidade de introduzir nas análises a relação entre a linguagem e a exterioridade. E sobre essa última, a AD considera como as questões que envolvem a relação entre “[...] o

---

<sup>3</sup> Com base em Pêcheux (2014) o modo com que os sujeitos ocupam determinadas posições no/pelo discurso se constitui por meio das Formações Imaginárias, que é uma noção teórica trabalhada em detalhes na próxima seção deste estudo.

falante, o ouvinte, o contexto da comunicação e o contexto histórico-social (ideológico)” (Orlandi, 2013, p. 58).

Podemos entender esse “contexto da comunicação” como as condições de produção em sentido estrito que são, nesse caso, as “circunstâncias de enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato” (Orlandi e Lagazzi-Rodrigues, 2017, p. 17). Desse modo, para ilustrar o gesto de análise cabível na teoria sobre o contexto imediato da enunciação, é possível perceber que, por exemplo, quando o Papa Francisco diz que “[...] todos<sup>4</sup> nós caminhamos na vida com um cântaro na mão: todos e cada um de nós tem sede de amor, de alegria, duma vida bem sucedida num mundo mais humano”, a noção teórica sobre as condições de produção questiona, nesse caso, dentre outras coisas, o espaço e a posição sujeito de quem enunciou esse discurso.

Ainda sobre as condições de produção, agora tendo em vista o sentido lato (amplo), e utilizando para observação do funcionamento dessa teoria outro recorte do Papa Francisco que diz “[...] todos<sup>5</sup> nós, especialmente em momentos difíceis como este que estamos a atravessar devido à pandemia, procuramos consolações. Muitas vezes, porém, recorreremos só a consolações terrenas, que depressa se extinguem, são consolações momentâneas”. Nesse caso, o contexto amplo interroga e traz para as análises o modo como a Instituição Igreja Católica produz e põe em funcionamento efeitos de sentido sobre, por exemplo, as condições de existência das pessoas.

Também está no sentido amplo a consideração a respeito do modo com que a história influencia a relação da sociedade com, nesse caso, essa Instituição religiosa. Ou seja, são aspectos sócio-históricos que se mostram nas práticas das instituições religiosas de, por meio de relações de força, prescreverem no que os adeptos ao catolicismo devem basear suas ações e/ou condutas.

De maneira breve, por mencionar relações de força dentro do funcionamento das condições de produção dos discursos, é importante salientar que se trata, nessas circunstâncias, de uma noção teórica que considera que, segundo Orlandi (2020, p. 37), “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. Ou seja, de acordo com a citada autora, retomando os exemplos dos fragmentos dos discursos que foram enunciados pelo Papa Francisco, é possível entender que a posição de onde o Papa fala, bem como o uso de suas palavras, têm determinada autoridade na relação com seus fiéis. Desse modo, ainda com base em Orlandi (2020, p. 20, grifo da autora), somos levados a compreender que “como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’”.

Para darmos continuidade à reflexão a respeito dos diferentes lugares que são ocupados pelos sujeitos no/pelo discurso, daremos ênfase ao funcionamento da noção

---

<sup>4</sup> Recorte da homilia proferida pelo Papa Francisco na Basílica de São Pedro, no dia 6 de junho de 2021, retirado de: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papa-francesco\\_20210606\\_omelia-copusdomini.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papa-francesco_20210606_omelia-copusdomini.html). Acesso em 27 de agosto de 2021.

<sup>5</sup> Recorte da homilia proferida pelo Papa Francisco na Basílica de São Pedro, dia 23 de maio de 2021, retirado de: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papa-francesco\\_20210523\\_omelia-pentecoste.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papa-francesco_20210523_omelia-pentecoste.html). Acesso dia 27 de agosto de 2021.

sobre discurso religioso, *corpus* selecionado para este estudo. Assim sendo, utilizaremos o que propõe Orlandi (2007, p. 28, grifo da autora) quando indica que “no discurso religioso, em seu silêncio, ‘o homem faz falar a voz de Deus’”. Com isso, podemos entender que esse gesto de “fazer falar” a voz de Deus constitui-se porque no/pelo discurso religioso há “uma voz que se fala na outra da qual é representante” (Orlandi, 2006, p. 244).

De acordo com a referida autora, estamos considerando um “mecanismo de incorporação de vozes” (Orlandi, 2006, p. 244) em que, por exemplo, o discurso do Papa Francisco (as homilias supracitadas) está atribuindo um corpo (personificando, materializando) à voz de Deus. É muito importante realçarmos que essa relação entre os sujeitos que podem personificar a voz de Deus e os sujeitos ouvintes (os fiéis católicos), existe uma assimetria em que “o locutor é do *plano espiritual* (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do *plano temporal* (os sujeitos, os homens)” (Orlandi, 2006, p. 243, grifos da autora).

Desse modo, para síntese, “o locutor é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, efêmeros falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens” (Orlandi, 2006, p. 243). E para continuarmos questionando o funcionamento dessa relação, nos inclinaremos, a partir da seção seguinte, em direcionar essa pesquisa para a elaboração de um método de análises que nos permita questionar e compreender as produções de efeitos de sentido daquilo que foi dito pelo Papa Francisco durante o seu papado.

## PROCEDIMENTO DE FORMULAÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

Temos o interesse de pôr em movimento, através das análises, possibilidades de relações entre a teoria e o objeto selecionado para que, distantes da vontade de alcançarmos (definirmos) um (único) sentido real ou verdadeiro, seja possível compreender o jogo imaginário que ocorre no/pelo *corpus* deste estudo. Ou seja, visamos compreender os efeitos de sentidos (re)produzidos pelos discursos que selecionamos que são considerados (discursivizados) pela mídia como revolucionários.

Para isso, a pergunta orientadora deste estudo questiona: como o discurso do Papa Francisco pode (ou não) afetar o imaginário social em relação à homossexualidade? Do mesmo modo que para interpretarmos o processo discursivo que está sendo posto em funcionamento, considerando suas condições de produção, o método de análise deste estudo possui o seguinte objetivo: investigar as Formações Imaginárias movimentadas no/pelo discurso do Papa Francisco.

Tendo em vista tal pergunta e objetivo, estudaremos as características dos lugares (posições) dos sujeitos (discursivos), refletindo a respeito das imagens que são postas em funcionamento pelo Papa Francisco em relação a sua posição e em relação a quem ele se dirige. Logo, para analisarmos (e compreendermos) esse jogo imaginário existente no funcionamento do discurso do Papa Francisco, faremos aplicações do Esquema de Formações Imaginárias de Pêcheux (2014) ao *corpus* selecionado.

Para entendermos o mencionado Esquema de Formações Imaginárias, é necessário observar que quando o sujeito enuncia, o faz a partir de posições sociais que ocupa e também se apoia em condições de enunciação que validam e atribuem sentido ao discurso que está sendo enunciado. Esses sentidos, gerados por formações ideológicas que, segundo Pêcheux (2014, p. 163, grifos do autor), são “[...] um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras”, mobilizam dimensões sociais que são reveladas nas/pelas Formações Imaginárias.

Logo, o uso do Esquema de Formações Imaginárias de Pêcheux (2014) permite que esta pesquisa analise ocorrências, em meio aos processos discursivos, em que existem “uma série de formações imaginárias que designam o lugar que *A* e *B* se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 2014, p. 82, grifos do autor). Assim sendo, intentamos trilhar tal caminho de investigação com o objetivo, assim como já dito, de refletir sobre as características do lugar/posição social do sujeito discursivo e como as imagens criadas nos jogos de posições viabilizam as ocorrências dos discursos. É por isso que Pêcheux (2014, p. 82) afirma que “todo processo discursivo supõe a existência dessas formações imaginárias”. O autor citado as designa da seguinte maneira:

Quadro 1: Esquema de Formações Imaginárias

Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente	
A	$I_A(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	$I_A(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
B	$I_B(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
	$I_B(A)$	Imagem do lugar de A para o	“Quem é ele para que me fale assim?”

	sujeito colocado em B	
--	-----------------------	--

Fonte: Pêcheux (2014, p. 82)

No caso do presente estudo, atribuiremos à “Imagem de A” ao sujeito discursivo Papa Francisco e à “Imagem de B” aos fiéis católicos, objetivando, pois, perceber, através dos jogos de imagens, quais imagens são criadas pelo Papa Francisco sobre si mesmo quando enuncia, quais (possíveis) imagens são criadas pelo sujeito discursivo Papa Francisco a respeito dos fiéis a quem dirige os discursos e, por fim, imagens criadas pelo Papa Francisco a respeito do conteúdo dos discursos.

O caminho que será realizado para análise da imagem de *A* para *A* e de *A* para *B* é recorrer a fragmentos dos discursos enunciados pelo próprio Papa Francisco. Dessa forma, é possível perceber que as análises, tendo por embasamento teórico as noções sobre Formações Imaginárias, viabilizam o estudo a respeito da condição de produção dos discursos, bem como de aspectos constitutivos dos sujeitos. É no caso desta investigação teórica, observa-se que dentro de um desses aspectos está a ideologia pois, para Althusser (1985, p. 85) “a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas relações reais de existência”.

No percurso desse método que propomos, é essencial notar que a aplicação do Esquema de Formações Imaginárias funciona como um disparador de análises. Após refletirmos sobre as características dos lugares/posições dos sujeitos no funcionamento do discurso é exequível movermos a observação até o assunto/contéudo de cada discurso analisado. É desse modo que o objeto imaginário gerado e dito pelo sujeito discursivo em questão (Papa Francisco) se refere às ideias a respeito dos homossexuais. Para o desenvolvimento de tais análises, recorreremos ao que propõe Pêcheux (2014) sobre o objeto imaginário, nesse caso, o Referente.

Quadro 2: Referente

Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A $I_A(R)$	“Ponto de vista” de <i>A</i> sobre <i>R</i>	“De que lhe falo assim?”
B $I_B(R)$	“Ponto de vista” de <i>B</i> sobre <i>R</i>	“De que ele me fala assim?”

Fonte: Pêcheux (2014, p. 83).

Percebemos pelo Esquema acima que para enunciar, o sujeito *A* dispõe de pontos de vista acerca dos conteúdos presentes nos discursos enunciados. Desse modo, esta investigação teórica visa observar o assunto (nesse caso, as [re]produções de efeitos de

sentido a respeito dos homossexuais), que está sendo dito a partir das imagens que são criadas por *A* em relação à *R*.

## PARA A ANÁLISE: O DISCURSO SOBRE A “ABERTURA INÉDITA DA IGREJA”

É importante sinalizar que a presente pesquisa tem interesse em explorar as performances discursivas do Papa Francisco na prática. Ou seja, visamos investigar o funcionamento do processo de significação que se materializa por meio dos discursos que foram considerados pela mídia como revolucionários. Em vista disso, abaixo recortamos o *print* do título de uma notícia que repercute, atribuindo sentidos de revolucionário, algo que foi dito pelo Papa durante o seu papado.

**Figura 1** – Sobre a abertura inédita da Igreja aos *gays*



Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/papa-sinaliza-abertura-inedita-da-igreja-aos-gays.html> Acesso em 4 de abril de 2022.

Podemos perceber que algumas escolhas linguísticas que compõem os enunciados que são publicados pela mídia (por exemplo, as manchetes jornalísticas), parecem afetar a reprodução de alguns sentidos que estão presentes no imaginário social. Para iniciarmos as discussões a respeito do título “Papa sinaliza abertura inédita da Igreja aos *gays*”, é indispensável compreendermos a condição de produção do discurso materializado nessa notícia.

Entre os dias 23 e 28 de julho de 2013 aconteceu nas praias cariocas a Jornada

Mundial da Juventude<sup>6</sup>, JMJ. Com grandes proporções e considerado o maior evento católico da história do Rio de Janeiro - Brasil, contou com a presença do Papa Francisco, diversas autoridades políticas e religiosas e reuniu cerca de 3 milhões de pessoas do mundo inteiro. Ao final desse evento, durante o voo de retorno do Santo Padre ao Vaticano, houve um incomum<sup>7</sup> episódio em que Francisco, de pé por mais de uma hora, voluntariamente, atendeu aos jornalistas que conseguiram embarcar nesse mesmo voo e, com simplicidade e objetividade, tentou responder aos inúmeros questionamentos que foram feitos.

Uma das perguntas direcionadas ao Papa o interrogava sobre a possível existência de um “*lobby gay*” (funcionando) no interior do Vaticano. Mais adiante, buscaremos analisar em detalhes a resposta que foi dada; por hora, daremos ênfase ao título descrito no *print* que trouxemos na página anterior. Desse modo, inicialmente, somos levados a perceber que “Papa sinaliza abertura inédita da Igreja aos *gays*”, parece contribuir com a imagem de Francisco como um sujeito que sutilmente tenta, “sinaliza”, se colocar na posição de autor de feitos inovadores, “abertura inédita”, dentro da Igreja.

Esse título parece atribuir sentido de revolucionário ao Bispo de Roma, uma vez que a discursividade posta em funcionamento aponta para algo distante do que está no imaginário social, que é influenciado pelo discurso documental<sup>8</sup> da Igreja Católica. Se consultarmos alguns fragmentos da base do discurso religioso católico, conseguimos ver que tal discurso parece (até hoje) constituir sentidos de discriminação e segregação dos homossexuais<sup>9</sup> na sociedade. E é aí que existe uma possibilidade de interpretarmos que “Papa sinaliza abertura inédita da Igreja aos *gays*”, parece indicar que, no discurso do Papa, houve um deslizamento (rompimento) de um sentido que antes permanecia estabilizado<sup>10</sup>.

---

<sup>6</sup> Sugerimos a leitura da descrição completa desse evento, no site oficial do Vaticano. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2013/outside/documents/papa-francesco-gmg-rio-de-janeiro-2013.html>. Acesso dia 5 de abril de 2022.

<sup>7</sup> A forma com que o Papa Francisco permitiu as entrevistas durante o voo foi considerada inédita tendo em vista que, por exemplo, o Sumo-Pontífice anterior, Bento XVI, possuía o costume de pedir que, antes das entrevistas, as perguntas fossem enviadas para seus assessores com antecedência. No caso de João Paulo II, anterior a Bento XVI, antes das entrevistas havia escolha dos jornalistas que poderiam fazer perguntas. Para outras informações sobre tais hábitos, sugerimos a leitura da notícia disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/quem-sou-eu-para-julgar-gays-diz-o-papa-em-coletiva-rara.html>. Acesso dia 5 de abril de 2022.

<sup>8</sup> Entendemos o discurso documental “como um saber científico, que toma forma na relação com as instituições, os sujeitos da ciência, os meios de circulação do saber, dentre outros aspectos conjunturais” (NUNES, 2008, p. 81). Em vista de tal noção, podemos observar que, no caso da Instituição Igreja Católica, esse discurso documental funciona por meio da Bíblia, do Catecismo e/ou das Cartas Encíclicas, por exemplo.

<sup>9</sup> Tomamos aqui o Catecismo da Igreja Católica como exemplo de base do discurso religioso cristão católico. Por exemplo, no Artigo 6, capítulo 2, sob o título “Castidade e Homossexualidade”, encontramos que: “a homossexualidade designa [...] atracção sexual exclusiva ou predominante para pessoas do mesmo sexo. [...]A Sagrada Escritura os apresenta como depravações graves [e] a Tradição sempre declarou que os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados” (Vatican, 1992).

<sup>10</sup> Damos a ver que o discurso documental funciona reproduzindo uma aparente ilusão de estabilidade dos sentidos porque, como dissemos, a Bíblia e/ou Catecismo, dentre outros discursos oficiais católicos, apontam para a “sua unidade, linearidade, imaginário de completude” (Nunes, 2008, p. 87). Logo, com base

Se consultarmos o Catecismo católico (um exemplo de discurso documental), podemos notar a existência de alguns recortes que funcionam constituindo uma aparente cristalização dos sentidos que parece (re)produzir na sociedade um efeito de sentido de intolerância em relação aos homossexuais<sup>11</sup>. Com isso, a elaboração do título “abertura inédita da Igreja aos *gays*” parece esboçar que essa repercussão da mídia está reproduzindo um efeito de sentido que só é possível porque, como vimos, o discurso documental da Igreja (que é muito anterior ao governo de Francisco) está sendo provocado (desestabilizado) pela resposta do Santo Padre que indica a “abertura inédita da Igreja aos *gays*”.

Portanto, o efeito de sentido que é posto em funcionamento por “Papa sinaliza abertura inédita da Igreja aos *gays*” parece constituir-se pelo protagonismo e posicionamento de Francisco, visto que é o “Papa” quem “sinaliza” e pela atitude sem precedentes na história: a “abertura inédita da Igreja aos *gays*”. Assim sendo, copiamos abaixo o *print* da resposta dada pelo Santo Padre durante o voo de retorno ao Vaticano, que foi repercutida pela mídia como revolucionária.

**Figura 2** – Sobre a resposta inédita de Francisco dentro do avião

Respondendo a uma pergunta sobre lobby gay no Vaticano, Francisco disse: “Se uma pessoa é gay e procura Deus e tem boa vontade, quem sou eu, por caridade, para julgá-la? O catecismo da Igreja católica explica isso muito bem. Diz que eles não devem ser discriminados, mas integrados à sociedade”.

Fonte: <https://veja.abril.com.br/mundo/se-um-gay-busca-deus-quem-sou-eu-para-julgar-diz-papa/> Acesso dia 4 de abril de 2022.

Considerando o percurso de escrita que temos trilhado nesta seção, iniciaremos as discussões a respeito do fragmento destacado acima, retomando o Esquema de Formações Imaginárias de Pêcheux (2014) para refletirmos sobre as (possíveis) imagens que são geradas do lugar de A para o sujeito colocado em A (Papa Francisco em relação a si mesmo). Com isso, podemos observar que “quem sou eu [...] para julgá-la?” parece colocar em funcionamento a imagem de um líder religioso que opta por mostrar humildade diminuindo suas próprias qualidades e virtudes. Ou seja, “quem sou eu [...] para julgá-la?” parece que põe em silenciamento, por exemplo, um dogma católico

---

no referido autor, a Igreja Católica estabelece “práticas institucionais e de arquivo [que] realizam um trabalho de interpretação que direciona os sentidos, estabelecendo uma temporalidade e produzindo uma memória estabilizada” (Nunes, 2008, p. 82).

<sup>11</sup> Para ilustrar, encontramos outro fragmento do Catecismo da Igreja Católica que declara que os atos homossexuais “são contrários à lei natural, fecham o ato sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade afetiva sexual, não podem, em caso algum, serem aprovados” (Vatican, 1992).

denominado de Infallibilidade Papal que afirma que o Papa está sempre correto em suas deliberações.

Essa Infallibilidade Papal<sup>12</sup> é instituída por meio de um dogma católico que isenta as determinações e decisões do Papa (que são tomadas e divulgadas em situações formais, solenes, a partir da posição de Pastor Supremo da Igreja) de eventuais erros. E observar isso, nos coloca diante de duas possibilidades de investigação, com base na noção de Formações Imaginárias (PÊCHEUX, 2014): uma em relação às (possíveis) imagens que são geradas pelo Sujeito (maiúsculo) em  $\mathcal{A}$ ; e outra em relação às (possíveis) imagens que são geradas pelo sujeito (minúsculo) em  $\mathcal{A}$ . Tal dubiedade se constitui porque, como sabemos, o Papa, antes de personificar a voz de Deus (ser Sujeito), é um fiel (um sujeito).

Para aprofundarmos essa reflexão, considerando a distinção entre Sujeito e sujeito, é necessário inserirmos aqui o que propõe Althusser (1985) a respeito do funcionamento da ideologia religiosa. Isso porque o referido autor propôs a existência de sujeitos com propriedades diferentes: o Sujeito pertence à ordem espiritual, é “único, e central em nome da qual a ideologia religiosa interpela todos os indivíduos como sujeitos [fieis]” (ALTHUSSER, 1985, p. 101). Buscaremos, inicialmente, levantar algumas hipóteses a respeito da imagem que o representante de Deus cria de si quando enuncia “quem sou eu [...] para julgá-la?”.

Desse modo, quando o Sujeito questiona a si mesmo, “quem sou eu?”, parece não se valer da sua posição de único, central e infinito. Damos a ver que “quem sou eu?” parece lançar ao silêncio as designações que afirmam que o Sujeito é aquele que “institui, interpela, ordena, regula, salva, condena” (ORLANDI, 2006). Isso porque, como vimos, o Sujeito (e seu representante) habita em uma posição infalível (validada pela memória institucionalizada) que oficialmente pode(ria) julgar e, dadas as circunstâncias, condenar. Entretanto, “quem sou eu [...] para julgá-la?”, parece criar a imagem de um Sujeito (de  $\mathcal{A}$  para  $\mathcal{A}$ ) que desliza para longe da primícia “Eu Sou Aquele-que-É” (BÍBLIA, 1994, p. 76).

Se  $\mathcal{A}$ , sendo o Sujeito, gera essa (possível) imagem de si mesmo a partir do apagamento das suas divinas (e exclusivas) características, podemos pensar, então, que não houve, nesse caso, a relação Sujeito-sujeitos. Ou seja, parece que o Sujeito, mesmo

<sup>12</sup> Gostaríamos de detalhar aqui que a Igreja Católica proclama a existência de muitos Dogmas, sendo 44 principais, divididos em 8 categorias diferentes. Os mais importantes dogmas, que tratam de assuntos como a Santíssima Trindade e Jesus Cristo, "foram definidos nos primeiros concílios ecumênicos; o Concílio Vaticano I foi o último a definir verdades dogmáticas (primado e infalibilidade do Papa)". Esse dogma, especificamente, afirma que o Papa é infalível sempre que se pronuncia *ex cathedra*; e compreende que “Sujeito da infalibilidade papal é todo o Papa legítimo, em sua qualidade de sucessor de Pedro e não outras pessoas ou organismos (ex.: congregações pontificais) a quem o Papa confere parte de sua autoridade magistral." O objeto da infalibilidade são as verdades de fé e costumes, reveladas ou em íntima conexão com a revelação divina. A condição da infalibilidade é que o Papa pronuncie *ex cathedra* e só quando pronuncia *ex cathedra*. Que fale como pastor e mestre de todos os fieis fazendo uso de sua suprema autoridade. Que tenha a intenção de definir alguma doutrina de fé ou costume para que seja acreditada por todos os fieis. A razão da infalibilidade é a assistência sobrenatural do Espírito Santo, que preserva o supremo mestre da Igreja de todo erro. Essas e demais informações estão contidas em: <https://pstrindade.files.wordpress.com/2012/01/dogmas-da-igreja-catc3b3lica.pdf> Acesso em 9 de junho de 2022.

sendo afetado por específicas condições de produção que o fazem representar (e ser) oficialmente a voz de Deus diante dos fiéis, dá lugar, nessa fala, ao sujeito (que também é um fiel) Jorge Mário Bergoglio. O que pode ter havido, portanto, é a relação sujeito-sujeitos que colocou a voz de um fiel em direção a outros fiéis, ambos pertencentes ao mesmo plano temporal.

Dissemos que *A* (o Papa Francisco) pode movimentar o jogo imaginário tanto através da posição de Sujeito como de sujeito. Logo, a partir deste ponto, buscaremos refletir a respeito do modo com que *A* se discursiviza como sujeito. Ou seja, (re)produz, por meio de Formações Imaginárias, efeitos de sentidos a respeito de si mesmo (agora, o sujeito em minúsculo). Por meio dessa diferenciação das posições (no discurso) Sujeito e sujeito, “o autor [Althusser, 1985] passa então a distinguir o Sujeito dos sujeitos vulgares: Deus é o Sujeito e os homens são os seus interlocutores-interpelados [...]” (Orlandi, 2006, p. 241).

Se, como dissemos, o discurso documental da Igreja Católica reproduz um efeito na sociedade de que já existe, com ilusão de estabilidade, uma condenação do homossexual que o põe no lugar de culpado, o sujeito tenta enunciar (respondendo ao jornalista) “quem sou eu [...] para julgá-la?” criando uma imagem de si mesmo (de *A* para *A*) a partir (da tentativa) de um não julgamento. Ou seja, somos levados a perceber que a condição de falível, a finitude e as mesmas características de todos os outros sujeitos, interferem na elaboração das respostas para a pergunta “quem sou eu?” e o levam, desse modo, a não enunciar, por exemplo, “quem sou eu [...] para julgá-la [culpada]?”. É aí que compreendemos o não julgamento que (tenta) busca(r) uma não punição, logo uma absolvição.

Existe também a possibilidade de interpretarmos quando o sujeito enuncia “quem sou eu [...] para julgá-la?”, parece, pelo jogo imaginário, causar uma ocorrência de rompimento da discursividade que é construída na/pela Igreja Católica em que, como a história nos mostra, o hábito de julgar está enraizado desde a sua fundação. Isso porque, está na base do funcionamento dessa Instituição (validado pelo discurso documental) julgar, dentre outros aspectos, quem são os santos e os pecadores, quais atos configuram pecado e quais revelam virtudes, etc.

Como dito, nossas análises estão fundamentadas no Esquema de Formações Imaginárias (de Pêcheux 2014). Tal filiação teórico-analítica nos leva a perceber que no funcionamento desse jogo imaginário que estamos discutindo, existem também as (possíveis) imagens que são geradas pelo sujeito *A* em relação a *B*. Logo, para seguirmos com o estudo, ainda tomando como Referente (conteúdo) a homossexualidade, colocaremos na posição de *B* aqueles a quem o Papa Francisco se dirige quando reproduz discursos: a mídia, o grande público e os fiéis católicos.

Para observarmos, pelos jogos de imagem, como *A* parece discursivizar *B*, daremos ênfase à segunda parte da resposta: “o Catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem”. Logo, se o Catecismo explica “isso” (a questão da homossexualidade) muito bem, damos a ver que *B* parece estar sendo discursivizado como desconhecedor desse discurso documental. De acordo com *A*, essa (boa) explicação fornecida pelo Catecismo daria a *B* condições suficientes para compreender (e assim não mais perguntar) que a

Igreja, pelo discurso documental, ensina que os homossexuais “não devem ser discriminados, mas integrados à sociedade”.

Essa segunda parte da resposta de *A* parece tentar diminuir as possibilidades de polêmicas futuras (ou novas perguntas) em relação à questão da homossexualidade. Visto que, quando *A* se dirige a *B* afirmando que “o Catecismo da Igreja Católica”, documento que possui publicação de mais de quinhentos<sup>13</sup> anos, explica “muito bem” a questão da homossexualidade, parece tentar mostrar que a Igreja já elaborou resposta (solução) para esse assunto há muitos anos. Logo, parece haver aí uma imagem criada por *A* de que *B* toca nessa questão (tenta levantar uma polêmica) pois não sabe que o Catecismo “explica isso muito bem”.

Por meio desse fragmento, é possível interpretarmos também uma possível tentativa de *A* em eximir da Igreja qualquer tipo de responsabilidade (culpa) em relação aos constantes ataques sofridos pelos homossexuais. Isso porque, quando *A* recupera do discurso documental a declaração de que os homossexuais “não devem ser discriminados, mas integrados à sociedade”, parece gerar a imagem de que os sujeitos em *B* (a mídia) só consideram que pode haver participação (direta ou indireta?) da Igreja nas práticas de intolerância que ocorrem na sociedade porque desconhecem esse fragmento específico do Catecismo.

Em vista disso, somos levados a compreender que essa (possível) imagem que *A* cria em relação a *B* valida na prática o funcionamento do discurso documental em sustentar uma discursividade impedindo fissuras na interpretação. Ou seja, *A* tenta enunciar (produzir sua resposta) a partir do sentido único de que Igreja Católica não é responsável pela LGBTfobia porque afirma (desde sempre) que os homossexuais “não devem ser discriminados, mas integrados à sociedade”. Os espaços para as dúvidas (e para as polêmicas) advêm, portanto, da imagem de que *B* desconhece que “o Catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem”.

Com base no Esquema de Formações Imaginárias (Pêcheux 2014), agora em relação ao Referente, considerando o ponto de vista de *A* (Papa Francisco) sobre *R* (conteúdo), é importante observarmos o modo com que as escolhas linguísticas que compõem “se uma pessoa é gay e procura Deus e tem boa vontade” parecem indicar a existência de uma (possível) tentativa de compensação de um sentido negativo. Podemos notar que “procura Deus e tem boa vontade” parece mostrar possibilidades que “uma pessoa [que] é gay” dispõe para, como dissemos, atenuar ou compensar o sentido negativo que existe em “é gay”.

Dessa forma, é possível levantarmos a hipótese de que o ponto de vista do sujeito

<sup>13</sup> O site Dom Total (2020), nos mostra que “foi o Concílio de Trento (1545-1563) a aprovar a primeira edição do Catecismo da Igreja Católica, chamado *Catechismus ad parochos* - do latim, Catecismo aos párocos -, que como o próprio nome diz, serviria de subsídio para que os padres pudessem instruir os fiéis e assim ‘desviá-los das heresias’. O texto foi publicado 3 anos após a conclusão do concílio, em 1566”. Para conhecimento de outros detalhes e maiores informações, sugerimos a leitura da notícia “Catecismo da Igreja Católica: para quê foi feito?”, disponível em:

<https://domtotal.com/noticia/1464178/2020/08/catecismo-da-igreja-catolica-para-quefoifeito/#:~:text=Em%20%C3%A2mbito%20cat%C3%B3lico%2C%20foi%20o,desvi%C3%A1%20Dlos%20das%20heresias%22>. Acesso dia 15 de julho de 2022.

A em relação a R parece gerar imagens da/sobre a homossexualidade, “se uma pessoa é gay”, como algo que demanda ser compensado por outras (melhores) ações: “procurar Deus” e “ter boa vontade”. Ou seja, em um sentido possível, mesmo tentando não julgar, esse ponto de vista não deixa de sustentar a discursividade negativa em relação ao Referente homossexualidade, e parece gerar a imagem de, como dissemos, algo que precisa ser atenuado.

Consideramos pertinente chamarmos atenção para uma específica característica da ocasião de onde retiramos o discurso que temos analisado até aqui. A indagação direcionada ao Papa Francisco durante o voo do Brasil para o Vaticano em julho de 2013, após JMJ, aconteceu por causa de forças e vontades alheias ao controle do Santo Padre (ou da sua assessoria). O que estamos dizendo é que tal momento, inesperado e que não estava sob planejamento, dirimiu a possibilidade de o Papa permanecer em silêncio e exigiu pronto posicionamento.

Portanto, podemos notar que nessas condições dadas foi inevitável para o Papa Francisco tocar na questão da/sobre a homossexualidade, devido modo intempestivo com que tal tema se apresentou (através da pergunta). Essa percepção, então, nos motivou a buscarmos ocorrências em que o Bispo de Roma tenha, de forma voluntária e planejada, abordado por meio de seus discursos, questões da/sobre a homossexualidade na sociedade contemporânea. Para isso, utilizamos como fonte de pesquisa o repositório de homilias<sup>14</sup> do Sumo-Pontífice, contido no site oficial<sup>15</sup> do Vaticano.

Constatamos que o site do Vaticano lista em ordem cronológica e disponibiliza para leitura as homilias que foram proferidas por Francisco desde a sua entronização. Consultamos um total de 445 homilias<sup>16</sup> e identificamos em todas a ausência das palavras gay, homossexual e homossexualidade. Tal percepção nos conduz até a hipótese de que a reprodução de discursos (oficiais) de Francisco está diretamente afetada pelo efeito do discurso documental que busca, nesse caso, estabilizar o silenciamento a respeito da homossexualidade. E é aí que somos levados a compreender que no funcionamento da posição-sujeito do atual Papa, parece haver uma tensão fruto de um delicado conflito de interesses.

A cristalização dos sentidos da/sobre a homossexualidade que é sustentada pelo discurso documental da Igreja, permanece em pleno funcionamento de tal forma que impede uma (desejada pela contemporaneidade) atualização dos documentos oficiais do Vaticano (do discurso documental). E o cerne dessa observação, que muito nos interessa, é: quais as (possíveis) razões da repercussão da questão da homossexualidade no/pelo discurso do Papa e da não repercussão no/pelo discurso da Igreja?

Essa ausência de questões sobre a homossexualidade nas homilias do Papa Francisco nos permite observar na prática o modo com que o silêncio historicamente

---

<sup>14</sup> De acordo com Ximenes (2000, p. 500) uma homilia é um “sermão baseado no Evangelho”. Ou seja, no nosso caso, é aquilo que é dito pelo Papa ou um padre, durante o rito de uma missa.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican/pt.html>. Acesso dia 6 de abril de 2022.

<sup>16</sup> Sendo 44 homilias do ano de 2013, 52 homilias do ano de 2014, 68 homilias do ano de 2015, 55 homilias do ano de 2016, 49 homilias do ano de 2017, 49 homilias do ano de 2018, 63 homilias do ano de 2019, 29 homilias do ano de 2020 e 36 homilias do ano de 2021.

(ainda) abafa temas que são sensíveis para essa instituição religiosa. E quando tocamos nessa questão do silêncio<sup>17</sup>, somos levados até a observação de que ele, nesse caso, constitui um modo relevante de funcionamento da censura em que “proíbem-se certas palavras para se proibirem certos sentidos” (Orlandi, 2007, p. 76).

Com base na referida autora, existe uma política do silêncio onde podemos encontrar “o *silêncio local*, que é a manifestação mais visível dessa política: a interdição do dizer” (Orlandi, 2007, p. 74, grifo da autora). E essa interdição, compreendida aqui como o “não deixar dizer” pode ser facilmente percebida na, como dissemos, não repercussão (ausência) das palavras homossexual e homossexualidade no site oficial do Vaticano. É aí que a censura, tomada como exemplo desse silêncio local, “estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, *não* deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala” (Orlandi, 2007, p. 76, grifo da autora).

Desse modo, podemos tentar responder à pergunta que elaboramos anteriormente levantando a reflexão de que essa política do silêncio e essa censura (especificamente, a interdição e o não deixar dizer), estão sendo nutridas (sustentadas) pela memória institucionalizada e parecem afetar diretamente a relação entre o discurso do Papa e o sentido da/sobre a homossexualidade. Com isso, somos levados a compreender que “a relação com o ‘dizível’ é, pois, modificada quando a censura intervém: não se trata mais do dizível sócio-historicamente definido pelas formações discursivas (o dizer possível): não se pode dizer o que foi proibido (o dizer devido). Ou seja: não se pode dizer o que se pode dizer” (Orlandi, 2007, p. 77, grifos da autora).

O funcionamento da dúbia posição ocupada pelo Papa Francisco (Sujeito e sujeito), no exercício de sua liderança, parece causar o (aparente) conflito que referimos anteriormente, dado que Francisco habita na tensão entre seguir a tradição da Instituição em que é máxima autoridade e, ao mesmo tempo, não ser omissos diante das discussões fomentadas pelos (novos) sentidos que têm circulado atualmente na mídia e na sociedade. Podemos, então, para conclusão deste estudo, levantar a hipótese de que a imagem de Papa revolucionário habitualmente tem sido gerada por discursos proferidos em contextos informais.

Desse modo, foi possível compreender que a não atualização da memória institucionalizada católica (ou seja, a permanência dos sentidos cristalizados) é resultado do modo com que o Vaticano lida com essas declarações revolucionárias do Papa. O que damos a ver é que a Igreja de Roma parece considerá-las como fruto de ocasiões não-ritualizadas, irrestritas e que, nas palavras de Orlandi (2006), como vimos, o Papa não está incorporando (atribuindo um corpo) à voz de Deus; e não pela via do discurso religioso em que, na posição de Sujeito, Francisco solenemente representa (e aqui sim personifica) aquilo que o próprio Deus disse.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>17</sup> Julgamos pertinente mencionar que as citações diretas sobre o silêncio (pensado como uma noção teórica) utilizadas nesta seção, são recortes que foram copiados da obra *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (2007), onde a autora, a professora Orlandi, elabora profundas reflexões a respeito do silêncio como condição do significar.

Desenvolver este estudo nos fez compreender que, ao observar as condições de produção do discurso religioso católico, os assuntos relacionados à diversidade sexual têm sido submetidos à supressão há muitos anos. As ocorrências que analisamos constituíram-se justamente por ocasiões em que, no discurso do Papa Francisco, o silêncio perdeu espaço para o debate de ideias e a visibilidade foi lançada sobre o apagamento. E tais gestos parecem gerar um aparente estranhamento na sociedade, o que levou a mídia a repercutir (discursivizar) aquilo que foi dito pelo Papa como revolucionário.

Notamos que a sustentação de uma determinada discursividade ocorre por meio dos discursos que são materializados pela linguagem e seus efeitos podem afetar o imaginário social contribuindo, muitas vezes por meio de relações de poder, com o silenciamento de algumas questões ligadas às minorias.

Constatamos também que no discurso que selecionamos, aqueles que receberam da mídia sentido revolucionário, parece haver um processo de deslizamento que leva a uma ruptura entre a posição discursiva do Papa e, como vimos, aquilo que está na base do discurso religioso católico. Nos casos analisados, em relação à homossexualidade, Francisco, quando indagado, pareceu não se eximir de assumir uma posição e tentou deslizar para longe dos sentidos, sustentados pela Igreja, que hostilizam os homossexuais na sociedade contemporânea.

Percebemos que o estranhamento da mídia que gera a imagem de Francisco como revolucionário se constituiu pelas vezes em que houve um batimento (confronto) entre aquilo que habita no imaginário social (dos sujeitos católicos) em relação à homossexualidade e as declarações do Papa. E foi justamente para questionar a construção e o funcionamento desse imaginário (coletivo) que elaboramos a nossa pergunta orientadora com vistas a entendermos como o discurso da Igreja Católica (pode) afeta(r) ou não o imaginário social a respeito da homossexualidade.

Buscar respostas para tal pergunta nos levou a compreender que o imaginário social (dos sujeitos católicos) parece ser afetado pelo efeito de estabilização que ocorre nos/pelos gestos de cristalização que visam engessar a discursividade em torno da homossexualidade, entregando (impondo) à sociedade documentos que protegem a permanência do sentido tomado como único (e verdadeiro) e empurram para o silêncio (todos os outros) sentidos que sejam diferentes daqueles que são aprovados pela norma, pela doutrina, pelos dogmas, etc. É aí que essa discursividade, validada e reproduzida pela instituição, parece construir no imaginário do sujeito (católico) uma ilusão da verdade que pode afetar a relação desse sujeito (fiel) com, por exemplo, a diversidade de sexualidades.

Ao analisarmos os jogos de imagens movimentados nos/pelos discursos do Papa Francisco foi possível perceber que o sujeito discursivo que designamos como *A*, tenta enunciar (responder à pergunta) administrando modos de dizer, afetados por específicas condições de produção, que materializam a noção de performance discursiva (proposta por Oliveira, 2022). Ou seja, consideramos como performance discursiva o funcionamento de um jogo de modos de dizer que constitui a produção do discurso e que afeta as Formações Imaginárias.

Assim sendo, observamos que foi por meio dessa noção de performance discursiva que o Papa Francisco, quando questionado a respeito da homossexualidade, tentou “moldar” o seu discurso com vistas a não protagonizar, nos momentos específicos das respostas, ocasiões que reproduzissem sentidos LGBTfóbicos. Logo, consideramos que existe performance no/pelo discurso quando o sujeito recorre a (utiliza de) um modo de dizer na prática que atende a (sua) necessidade local. Por exemplo, nos casos que vimos as declarações do Papa deslizaram e romperam com a discursividade sustentada pelo discurso documental católico porque foram elaboradas e enunciadas a partir da necessidade de (no momento da resposta) não gerarem imagens de um líder religioso preconceituoso.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos Ideológicos de Estado. Tradução: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- AMARAL, Abraão Janderson dos Santos; LOPES, Maraisa. Da análise automática do discurso à teoria materialista dos processos discursivos: um percurso histórico. **Revista Investigações**, Recife, v. 32, n. 2, p. 479-506, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/241761>. Acesso em: 02 abr. 2022.
- BÍBLIA, A. **Mensagem de Deus**. São Paulo - SP. Edições Loyola, 1994.
- CATECISMO da Igreja Católica. **Vaticano**, 1992. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/prima-pagina-cic\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html). Acesso em: 11 mar. 2022.
- MASSMANN, Débora *et al.* Artivismo de gênero: discursos de/sobre a mulher no “feminejo”. **Leitura**, Maceió, n. 69, dossiê especial “Discurso, Gênero, Resistência”, p. 343-355, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/11983/8623>. Acesso em: 25 mar. 2022.
- MASSMANN, Débora; VOSS, Lílian Figueiredo (org.). **Formação universitária em tempos de pandemia**: desafios e saberes. Maceió: EduFal, 2021.
- NUNES, José Horta. O Discurso Documental na História das Ideias Linguísticas e o caso dos Dicionários. **Alfa, Revista de Linguística**. São Paulo, n. 52 (1), 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1468>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- OLIVEIRA, Daniel Santos. **O discurso do Papa Francisco**: entre redes de memória e processos de atualização de sentidos. 2022. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.
- ORLANDI. Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed., 4. reimp. Campinas: Pontes Editores, 2006.

- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Editora Pontes, 2020.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (org.). **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução: Bethânia Mariani *et al.* 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, Michel *et al.* **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. XIMENES, Sérgio. **Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Ediouro Publicações, 2000.